

**9º seminário docomomo brasil**  
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente  
brásilia . junho de 2011 . [www.docomomobsb.org](http://www.docomomobsb.org)

## **Medo de ser moderno e outros medos**

Cecilia Rodrigues dos SANTOS\*

\* Dra. Cecilia Rodrigues dos Santos, Arquiteta, professora e pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua Monte Alegre, 1643 - Perdizes - SP - SP - CEP 05014-002

tel: (11) 38623905 / (11) 83851724

e-mail: [altoalegre@uol.com.br](mailto:altoalegre@uol.com.br)

### **Resumo**

A partir da reflexão de Z. Bauman, este texto se propõe a refletir sobre as idéias de permanência, identidade, nacionalidade e interdisciplinaridade que têm conduzido o debate sobre a arquitetura do Movimento Moderno e a sua preservação, contrapondo as certezas da modernidade sólida moderna para a qual se olha com as incertezas da modernidade líquida global contemporânea de onde se olha e onde se vive.

### **Palavras-chave:**

preservação do patrimônio do Movimento Moderno; modernidade líquida

### **Abstract**

This paper, largely inspired by Zygmunt Bauman's conceptualization of global liquid modernity, intends to reflect on the ideas of durability, identity, nationality and trans-disciplinarity that have led the discussion on heritage preservation of Modern Movement, opposing the certitudes of solid modernity with the uncertainties of the the contemporaneous liquid modernity.

### **Keywords**

preservation of the heritage of the Modern Movement; liquid modernity

**Medo de ser moderno e outros medos**

***Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie\****

Fui apresentada ao sociólogo polonês Zygmunt Bauman, professor emérito da Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha, pelo seu livro *Identidade*. Na época – refletindo sobre as questões relativas ao patrimônio e à preservação, e preocupada em entender o lugar das questões culturais, incluindo a arquitetura, na nossa realidade moderna globalizada - a leitura desse pequeno livro revelador custou-me a revisão de algumas noções e vários parágrafos. Além da incômoda confirmação de que a idéia de identidade, que já andava freqüentando com desenvoltura textos e discursos sobre preservação, continuava investindo em relações superadas.

Ao tratar as noções como identidade e pertencimento no contexto do mundo globalizado, Bauman mostra de que maneira elas perdem a rigidez e se tornam compartilháveis, para em seguida se liquefazerem no individualismo e na incerteza de nossa época, desgarradas das fronteiras seguras do Estado-nação, histórico berço da noção de patrimônio. Essa idéia, central ao trabalho do autor, fica mais clara quando ele caracteriza "a sociedade aberta", ou "modernidade líquida", ou globalização, como "o enfraquecimento genuíno ou presumido, gradual, mas inexorável, da maior parte das delimitações e distinções territorialmente fixadas, e a substituição dos grupos e associações territorialmente definidos pelas redes eletronicamente mediadas, indiferentes ao espaço físico e desprendidas do apego a localidades e soberanias localmente circunscritas".

---

\* Blaise Pascal, em *Pensées*, 1669, citada por C. Drummond de Andrade no poema *Eterno*.

As questões culturais - se entendidas como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação - têm sido fundadoras de uma “unidade nacional”, muito mais do que de uma “identidade nacional”. Inclusive hoje é possível observar o acirramento de um processo em que as “nações culturais identitárias” afirmam autonomia em relação às “nações territoriais”, quebrando antigos pactos de “unidade nacional” para reafirmar “identidades locais”, e questionando profundamente as idéias consolidadas sobre a nacionalidade das expressões artísticas. De fato, olhando em volta para um mundo sem fronteiras e em conexão permanente, circulando entre migrantes nômades e mercenários, nos perguntamos quem e o que hoje pode ser considerado estrangeiro.

Esse processo é mais agudo em países que tiveram suas fronteiras geográficas costuradas por mãos estrangeiras, quase sempre insensíveis a especificidades e diferenças étnicas e culturais, como aconteceu no continente africano, onde sempre e ainda ecoa a sentença contra a diferença, resumida na frase de Sérgio Chichava “é preciso matar a tribo para construir a nação”. Ainda de acordo com o autor, a consciência de pertencer a uma tribo<sup>1</sup>, ou seja, a um grupo humano diferente dos outros grupos, com um território comum, uma tradição de descendência comum, uma linguagem comum, uma cultura comum e um nome comum, e de reivindicar essa diferença, têm dificultado, senão inviabilizado, a existência e depois a consolidação do modelo europeu de nação. Este re-processo de “tribalização” vem sendo recuperado, reforçado e multiplicado em diferentes territórios do planeta, e é Bauman quem identifica a tendência à regionalização da política, dos ressentimentos sociais e das batalhas por identidade e reconhecimento como o cerne dos mais graves impasses e confrontos contemporâneos.

Enquanto isso, no Ocidente, a “velha” noção de patrimônio - intrinsecamente ligada à idéia de nação e ao fortalecimento e unidade dos Estados nacionais - teve que ser ressemantizada para assim ser reivindicada como um dos itens estratégicos

---

<sup>1</sup> Sergio Chichava, a partir de P. Mercier, também identifica tribo e etnia, definindo-a como um grupo fechado, descendendo de um mesmo antepassado, geralmente com a mesma origem, possuindo uma cultura homogênea e falando uma língua comum. Enquanto a etnicidade, ou “sentimento étnico” é definida como a consciência de pertencer a um grupo humano diferente dos outros e de reivindicar essa diferença; é a expressão da diferença.

na afirmação de identidades de grupos e comunidades que lutam por autonomia, transcendendo a idéia fundadora da nacionalidade em um contexto de globalização. Paralelamente - considerando agora a área específica da preservação do patrimônio, mas não só - passamos a relativizar pressupostos, critérios, ajuizamentos, condicionantes, pré-requisitos e até campos disciplinares constituídos, com seus recortes e periodizações. No limite, nos consideramos autorizados inclusive a nos eximir de maiores esclarecimentos sobre nossa contribuição conceitual e criativa, desde que possamos garantir uma performance com malabarismos de habilidade e erudição, de preferência apelando para conceitos hiper-modernamente nômades; momento em que tudo pode ser patrimônio, tudo pode ser moderno, tudo pode ser nacional, tudo pode ser bom como tudo pode ser ruim, porque tanto faz, porque tudo é relativo, arbitrariamente relativo.

A abordagem de Bauman, que faz da fluidez dos líquidos a principal metáfora para o estágio presente da modernidade, parte da contraposição dos fatores que caracterizam a "modernidade líquida" contemporânea com aqueles que caracterizam a "solidez" de uma modernidade racional e operativa, universalista e idealista, aquela que inclui o Movimento Moderno da arte e da arquitetura, predominantemente nos primeiros 60 anos do século XX. Submersos na liquidez pegajosa dos paradoxos da modernidade contemporânea – caracterizada por extrema mobilidade; perda de referências territoriais e culturais; precariedade de vínculos; predominância do consumo sobre a produção, inclusive a produção de conhecimento; troca da segurança da permanência pela euforia da escolha permanente; opção pela quantidade em detrimento da qualidade; embriaguez de informação –, e cada vez mais dominados pelas incertezas do nosso cotidiano insone, temos sido acometidos de certa insegurança em relação ao patrimônio de um passado moderno tão confiante das suas causas e tão feliz com sua revolução formal, perdidos em relação às contradições e paradoxos resultantes do confronto entre a modernidade sólida para a qual olhamos, e a modernidade líquida de onde olhamos, submersos.

A definição de um "patrimônio do Movimento Moderno", objeto de interesse do DOCOMOMO desde a sua criação, levanta aspectos das contradições inerentes à

modernidade líquida, que é a nossa na contemporaneidade, quando, por exemplo, tomamos a iniciativa de preservar uma arquitetura que não foi concebida para ser perenizada. Ou quando nos incomodamos com o desejo de permanência de mais um segmento do velho patrimônio material, sólido e pesado de concretude e doutrina, que se contrapõe ao novo patrimônio imaterial tão em voga, leve e ligeiro na sua imaterialidade, perfeitamente adaptado ao mundo líquido moderno contemporâneo. Este incômodo é de tal ordem que chegamos a aceitar, mesmo que reticentes, a permanência apenas dos documentos da modernidade, de preferência digitalizados e desprovidos da incômoda materialidade dos suportes originais, e a exclusão dos objetos arquitetônicos reais. Quando Carlos Drummond de Andrade desabafou que ficara chato ser moderno, preferindo passar a ser eterno, estava antecipando em quase 70 anos a dissolução e fusão de todas as modernidades na eternidade silenciosa de uma memória infinita e eterna, que é igual ao esquecimento. Angustiado leitor de Pascal, o poeta estava ciente de que o infinitamente grande, assim como o infinitamente pequeno, relativizam a visão das coisas, e de que o homem contemporâneo, abandonado pelos deuses, já vinha adentrando um mundo estranho, cada vez mais cambiante, permanentemente outro; “o silencio eterno desses espaços infinitos (...) aterroriza”.

Contemporaneamente, a idéia de identidade estendida para abarcar a idéia de pertencimento na tentativa de expandir o significado inaugural da noção fundadora de patrimônio, conhece diferentes iniciativas de solidariedade com a idéia mais ampla de cultura para assim continuar se apresentando como suporte da memória coletiva. Hoje é possível afirmar, concordando com Guy Di Meo, que escorregamos das “coisas concretas” para a “representação intemporal das coisas impalpáveis”. Os procedimentos destinados ao “velho patrimônio”, material e concreto, passam a ser desprezados junto com ele, considerado lento e pesado, enquanto que um “novo patrimônio” é definido segundo a lógica fluida global, como “um sistema simbólico imaterial gerador de identidade coletiva”, substituindo, com vantagens, seu antecessor. Porém, se desde sempre no âmbito da preservação, ao se decidir o que deve permanecer, ou o que deve ser lembrado coletivamente, escolhe-se também o que esquecer, como tratar a memória, aquela que se apóia nas pedras da cidade, quando

até as pedras passam a ser transitórias ou fictícias e se desfazem na modernidade contemporânea globalizada? Como agir quando o patrimônio passa direto de "histórico e artístico nacional" a "cultural e identitário", sem escalas conceituais, pretendendo abarcar todos os aspectos da vida, sejam eles materiais ou imateriais, passados ou presentes, modernos, pós-modernos ou hiper-modernos?

Na sua versão da Carta de Atenas publicada no início dos anos 1940, Le Corbusier afirmava que nem tudo o que é passado tem, por definição, direito à perenidade; para ele, como para os modernos do século XX, a morte atinge as obras assim como atinge os seres humanos. Mas, como se comportar nesses tempos de nomadismo e relatividade absoluta, em que passou a não interessar mais nem como, nem porque, nem exatamente o que guardar, uma vez que critérios e juízos de valor se liquefizeram com as pedras? E quando critérios e princípios da preservação se contrapõem aos princípios mais básicos desse patrimônio moderno que nos propomos a preservar? Abandonamos as noções de permanência, porque incompatíveis com a transitoriedade tanto da modernidade sólida quanto da modernidade líquida contemporânea? Ou guardamos tudo? Ou a melhor opção é partir em retirada abandonado inclusive os pelotões da vanguarda?

Assim, fui aprendendo com Bauman que mergulhar nas águas abissais desse mundo fluido contemporâneo nunca nos traz para o mesmo lugar, seja na superfície do mundo ou de nós mesmos. Entre outras razões, porque desperta a consciência aguda do significado de sermos ao mesmo tempo modernos e contemporaneamente globalizados, e de vivermos em um mundo que oferece apenas uma certeza: a de que o "amanhã" não pode, não deve e não será igual ao "hoje" e nem cumprirá qualquer previsão, nem mesmo a meteorológica. Somos mostrados (e nos percebemos) como integrantes de legiões de "revolucionários conectados", politicamente passivos, apegados a fetiches tecnológicos, gostando de pensar que estamos mudando o mundo enquanto gozamos da tranqüilizadora certeza de que nada vai mudar. Isolados e individualistas, ao mesmo tempo em que optamos preferencialmente pela falta de vínculos de qualquer espécie, preferindo as relações e relacionamentos sem

compromisso, nos ressentimos da falta das redes seguras e verdadeiras de parentesco, de amizade e de irmandade de ideais.

Mas, se é verdade que vivemos a diferença (até porque somos obrigados...) também é verdade que vivemos mal essa diferença. Enquanto elogiamos a diversidade cultural – assim como elogiamos a trans-disciplinaridade<sup>2</sup> e o nomadismo dos conceitos – ensaiando formas de convivência e tolerância, de fato não parecemos muito dispostos a trocar nem fundir, confusos ainda com nossas velhas idéias, pesadas de referências e de história, que se debatem agarradas a frágeis fronteiras em decomposição. *Trans-disciplinaridade* porque ela se distigue da *poli ou multi-disciplinaridade* como também da *inter-disciplinaridade*, como uma postura científica e intelectual que adota esquemas cognitivos para as “disciplinas em relação” que conduzem ao abandono das posturas particulares para produzir um saber autônomo, novos objetos e novos métodos. Trata-se de um processo ao mesmo tempo de integração e de superação das disciplinas, que tem como objetivo último criar métodos e ferramentas para compreender a complexidade do mundo moderno líquido contemporâneo. Trabalhar com a trans-disciplinaridade hoje significa também admitir o nomadismo dos conceitos, e redobrar a atenção em relação ao rigor no uso e manipulação desses conceitos, tentando evitar os reducionismos, as naturalizações e as nacionalizações de idéias em desvio, que não nos têm levado muito além de certo diálogo de surdos ou, parafraseando Christian Girard em *Architecture et concepts nomades*, ao reforço anarquista de um grande e geral “movimento de indisciplina”.

Preocupado com a banalização gerada pela importação e exportação cada vez mais freqüente de conceitos, o antropólogo Olivier Christin publicou recentemente um *Dictionnaire des concepts nomades en Sciences Humaines*, tentando alertar para os

---

<sup>2</sup> Trabalhamos aqui a partir das definições da professora Marialva Barbosa: **disciplina** (a partir de E. Morin, categoria que organiza o próprio conhecimento científico, instituindo a divisão e a especialização do trabalho e englobando a diversidade dos saberes das ciências - uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem na qual se constitui, pelas técnicas elaboradas no seu interior ou utilizadas por ela e pelas teorias que lhe são próprias); **inter-disciplinaridade** (troca e cooperação entre saberes que continuam guardando um lugar próprio - uma articulação de saberes, em aproximações sucessivas, numa espécie de diálogo, com a reorganização parcial dos campos teóricos que adotam esta perspectiva); **poli-disciplinaridade** (associação parcial de disciplinas, no momento em que possuem um projeto ou um objeto comum, supondo a justaposição de olhares específicos de cada uma delas); **trans-disciplinaridade** (adoção de esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas; postura pela qual tenta-se abandonar pontos de vista particulares para produzir um saber autônomo que resulte em novos objetos e novos métodos, com a integração de disciplinas).



riscos e armadilhas que esse nomadismo desenfreado pode representar para a linguagem científica e para a construção das idéias. Para Chirstin é necessário verificar e explicar que, de uma cultura para a outra ou de um campo disciplinar para o outro, pode não existir possibilidades de tradução, comparação ou correspondência entre palavras e idéias. O autor chama a atenção para a necessidade de questionar uma operação que já se nos apresenta perigosamente “naturalizada”, de “desbanalizar” evidências, enfim, de tornar complexas as relações de trans-disciplinaridade a favor do rigor e da reflexão crítica.

Em sua obra *Medo líquido*, Bauman aprofunda a discussão sobre mais um dos aspectos da "vida líquida" em "tempos líquidos" de uma "modernidade líquida". Com certo desconforto, somos lembrados de que as principais técnicas do poder em tempos de modernidade líquida - a fuga, a astúcia, o desvio, a rejeição de qualquer confinamento territorial, inclusive os teóricos e conceituais - geram a insegurança do presente e a incerteza do futuro. Nutrida por um sentimento de impotência generalizada, essa insegurança, que se torna crônica, fortalece e dissemina um tipo de medo que se apresenta diluído em uma zona cinzenta e imprecisa onde as associações racionais de causa e efeito não são mais possíveis. Dentre todos os medos este é o mais apavorante e intolerável, e está associado a um perigo ameaçador e intermitente que pode estar em qualquer lugar e vir de qualquer direção: da natureza e de suas catástrofes; do outro, do desconhecido ou do conhecido próximo; das epidemias mundializadas; do território vizinho ou dos outros planetas; da flutuação das moedas e da queda das bolsas de valores; de toda informação veiculada ininterruptamente pelos meios de comunicação.

Também somos lembrados pelo autor que o medo e o mal são irmãos siameses, e o mal - identificado com o crime, o pecado, ou com a violação das regras – é o que de fato nos aterroriza. Porém, por outro lado, essas regras passam a ser criticadas e depois esquecidas, e o mal, devidamente relativizado, passa a ser identificado com o inexplicável, com o inatingível, com o inevitável; o mal está em toda parte e não pode mais ser percebido claramente. Desarmados moralmente para enfrentar a nova modalidade do mal, optamos por investir nossa esperança nas redes

sociais e não mais nas parcerias, e nos armamos com celulares, computadores e com todo tipo de aparelhos hiper-modernos de conexão rápida para enviar e receber mensagens de lealdade virtual. Nesse campo de laços partidos, de expectativas frustradas e de relacionamentos e relações frágeis e superficiais, a fronteira entre "amigos e amores para toda a vida" de um lado, e "inimigos eternos" do outro, a mesma fronteira entre o "bem" e o "mal", que antes era tão claramente traçada e tão estreitamente vigiada, também esta fronteira se tornou praticamente invisível.

A única terapia promissora contra as dúvidas perenes e o medo difuso e generalizado que nos persegue e oprime seria, ainda segundo Bauman, aquela que situasse o medo em escala planetária e em seguida tentasse compreendê-lo até o seu âmago, na busca do equilíbrio possível entre liberdade e segurança. Tememos o que não podemos controlar, e é este "horror do inadmissível" que, sempre segundo o autor, nos condena a um estado de eterna vigilância. Medo, no limite, é o apelido que damos à nossa fragilidade e à nossa incapacidade de nos defender seja das catástrofes naturais, seja dos ataques terroristas e dos exércitos das potências econômicas, seja das epidemias, seja das flutuações do mercado global, seja dos abismos conceituais, seja das antigas certezas modernas, seja das ondas de notícias e boatos que congestionam o ar até ele se tornar irrespirável.

Para Bauman, é preciso mudar os parâmetros de unidade e homogeneidade produzidos pela globalização, mesmo constatando que é impossível fugir dessa região líquida e sombria onde o medo de esquecer encontra o medo de não pertencer e o medo de ser, inclusive de ser moderno, onde os vapores imanados de tantas dúvidas e de tantos medos definem o esconderijo preferido do mal, que é sinônimo do medo, por sua vez sinônimo da incerteza permanente e da relatividade absoluta. A construção da comunidade do futuro - entendida como a unidade resultante da negociação e da reconciliação, e não da supressão das diferenças - é a promessa possível de um porto seguro para os navegantes perdidos no mar turbulento das mudanças constantes, confusas e imprevisíveis, da modernidade líquida; indiscutivelmente, sempre concordando com Bauman, as raízes da nossa vulnerabilidade atual são de natureza ética e política. Enquanto isso, cada vez mais

tribalizados, resta-nos acompanhar Mario de Andrade fazendo “que as próprias pedras se reúnam em muralhas à magia do nosso cantar” e dentro dessas muralhas esconderem nossa tribo, abrigados dos imperialismos nacionalistas e dos tsunamis da modernidade líquida, protegendo o fogo que nos regala com bons cozidos, necessariamente regados com *grands crus*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Claude Lévi-Strauss define sua obra **O Cru e o Cozido**, como o estudo das representações míticas da passagem da natureza à cultura; o cru é a metáfora da natureza e o fogo, da cultura.

Para a enologia, a palavra **cru**, em francês, que deriva do verbo "coître", crescer, tem o mesmo significado de "terroir" ou "château", e define uma propriedade de cultivo específica. Também significa o mesmo que "climat", comuna ou região delimitada, com vinhedos de vários produtores que produzem vinhos semelhantes, ou "domaine", quando se trata de uma única propriedade; os **grands crus** são os melhores **cru**s.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. "Eterno". Poema in: **Fazendeiro do Ar**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- BABELON, Jean-Pierre e CHASTEL, André **La notion de patrimoine**. Paris, Liana Levi, 1994.
- BARBOSA, Marialva. "A consolidação de uma interdisciplina como paradigma de construção do campo comunicacional". Consultado em:  
[www.eca.usp.br/alaic/chile2000/.../MarialvaBarbosa.doc](http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/.../MarialvaBarbosa.doc)
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979.
- CASTRO, Sonia Rabelo. **O Estado na Preservação de Bens Culturais**. Rio de Janeiro, Renovar, 1991.
- CHICHAVA, Sergio. "Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique". Discussion Paper nº 01/2008. Consultado em :  
<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Etnicidade.pdf>
- CHOAY, Françoise. "Patrimoine et mondialisation". Consultado em: [www.ambafrance-ma.org/cjb/Textes](http://www.ambafrance-ma.org/cjb/Textes).
- CHRISTIN, Olivier. "Dictionnaire des concepts nomades en Sciences Humaines - Introduction". Consultado em:  
[http://www.editions-metallie.com/fiche\\_livre.php?id\\_livre=1037](http://www.editions-metallie.com/fiche_livre.php?id_livre=1037)
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo, EDUSC, 2003.
- DI MEO, Guy. "Processus de patrimonialisation et construction des territoires". Consultado em [www.adcs.cnrs.fr/IMG/pdf/GDM\\_PP\\_et\\_CT\\_Poitiers.pdf](http://www.adcs.cnrs.fr/IMG/pdf/GDM_PP_et_CT_Poitiers.pdf)
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.
- GIRARD, Christian. **Architecture et concepts nômades**. Liege, Mardaga, 1986.
- HERNÁNDEZ, Ascensión Martínez. **La clonación arquitectónica**. Madrid, Ediciones Siruela, 2007.
- HOBBSBAMM, Eric J. **Nações e Nacionalismo**. São Paulo, Paz e Terra, 1990
- JOKILEHTO, Jukka Ilmari. **A History of Architectural Conservation**. Oxford, Butterworth-Heinemann, 1999.
- KUHL, Beatriz. "História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos". Universidade de São Paulo, **Revista CPC** n.1, nov 2005 / abril 2006. Consultado em:  
[http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07\\_revista\\_interna.php?id\\_revista=2&id\\_conteudo=6&tipo=5](http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=2&id_conteudo=6&tipo=5)
- LE GOFF, Jacques. **Histoire et mémoire**. Paris, Gallimard, 1981.
- LE CORBUSIER. **Quand les cathédrales étaient blanches**. Paris, Denoel/Gonthier, 1983.
- \_\_\_\_\_. **La Charte d'Athènes**. Paris, Minuit, 1957.

**9º seminário docomomo brasil**

interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente  
brasília . junho de 2011 . www.docomomobsb.org

RICCEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris, Seuil, 2000.

SANTOS, Cecília H. G. Rodrigues dos. **Mapeando os lugares do esquecimento: idéias e práticas na origem da preservação do patrimônio no Brasil**. Tese de doutoramento, FAU - USP, nov 2007.

\_\_\_\_\_. "Medo Líquido e outros medos". Resenha do livro **Medo Líquido** (Z. Bauman, Rio de Janeiro, Zahar, 2008) para a revista **AGITROP**,  
[http://www.agitprop.com.br/leitura\\_det.php?codeps=MzV8ZkRsOA](http://www.agitprop.com.br/leitura_det.php?codeps=MzV8ZkRsOA)

\_\_\_\_\_. "Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural". In: **Revista São Paulo em Perspectiva**, vol.15, 2, abr/jun 2001.

\_\_\_\_\_. "Problema mal posto. Problema reposto". In: NOBRE, Ana Luiza; KAMITA, João Massao; LEONIDIO, Otavio; CONDURU, Roberto (orgs.). **Lucio Costa - um modo de ser moderno**. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.